

A recusa do trabalho em frigoríficos no oeste paranaense (1990-2010): a cultura da classe*

Antônio de Pádua Bosi^{**}

Resumo. Este artigo discute as percepções que os trabalhadores empregados em frigoríficos na região Oeste do Paraná elaboram sobre seu trabalho. Trata-se de uma experiência recente, articulada ao processo de industrialização (agroindústria) acontecido nos últimos 20 anos. Os trabalhadores destacaram rotinas de trabalho extenuantes e monótonas, reclamaram das extensas jornadas, disseram-se permanentemente exaustos e consideraram a remuneração insuficiente. A partir desta situação, buscamos entender e explicar a perspectiva construída por eles sobre estas condições sociais como resultados de relações mais complexas, vividas no espaço do trabalho e fora dele.

Palavras-Chave: Trabalho em Frigorífico; Oeste do Paraná.

Refusal to work in the abattoirs of western Paraná (1990-2010): Class's culture

Abstract. The perceptions that workers, employed in abattoirs in the western region of the state of Paraná, Brazil, have elaborated on their labor, are provided. Experience has been worked out recently within the industrialization process (agro-industry) during the last two decades. Workers highlighted extenuating and monotonous working routine, criticized the long working hours, confessed being permanently exhausted and considered payment insufficient. The above situation reveals their perspective on the social conditions as a result of more complex relationships experienced within and out of the working milieu.

Keywords: Work in abattoirs; Western Paraná.

* Artigo recebido em 20/06/2012. Aprovado em 01/02/2013. Pesquisa financiada pelo CNPq.

** Professor do Programa de Pós-graduação em História da União, Marechal Cândido Rondon/PR, Brasil. E-mail: antonio_bosi@hotmail.com

El rechazo al trabajo en frigoríficos en el oeste del Estado de Paraná (1990-2010): La cultura de classe

Resumen. Este trabajo discute las percepciones de los trabajadores de los frigoríficos del oeste del estado de Paraná sobre su propio trabajo. Se trata de una experiencia reciente, vinculada al proceso de industrialización (agro-industria) ocurrido en los últimos veinte años. Los trabajadores destacaron rutinas de trabajo extenuantes y monótonas; se quejaron de la extensión de las jornadas; manifestaron que permanentemente estaban exhaustos y consideraron insuficiente la remuneración recibida. A partir de esta situación, buscamos entender y explicar la perspectiva construida por los trabajadores sobre dichas condiciones sociales como resultado de relaciones más complejas, vividas dentro y fuera del espacio de trabajo.

Palabras Clave: Trabajo en Frigorífico; Oeste de Paraná.

Introdução¹

A indústria de carne de frango é herdeira dos matadouros de bois do século XIX. Esta história é velha conhecida. Os grandes matadouros privados nasceram em cidades do Centro-Oeste americano por volta da década de 1860 e de lá se espraíram pelo mundo no século seguinte.

Um dos retratos mais dramáticos sobre o trabalho em frigoríficos, cuja repercussão incomodou até o Presidente Theodore Roosevelt, saiu das páginas do livro *The Jungle*, escrito por Upton Sinclair e publicado nos Estados Unidos em 1906. Em passagem singular, Sinclair conta o que viu dentro daqueles matadouros.

¹ Este texto foi escrito para a “Oficina de Fontes” do Laboratório de Trabalho e Movimentos Sociais da Unioeste, realizada no mês de maio de 2012. Ele é fruto de pesquisa em curso, financiada pelo CNPq, com a colaboração de Rinaldo José Varussa, Vagner José Moreira e Aparecida Darc de Souza. Temos acompanhado este processo há aproximadamente cinco anos, e registrado narrativas de trabalhadores empregados em frigoríficos a fim de compreender suas percepções sobre esta realidade. Agradeço a leitura atenta dos pareceristas e as sugestões feitas.

Havia quinze ou vinte bois nos currais e era uma questão de um par de minutos para golpeá-los e rolá-los para fora. (...) Eles trabalhavam com intensidade furiosa, literalmente correndo – numa passada que não havia nenhuma comparação, exceto com uma partida de futebol. O trabalho era altamente especializado, cada homem tinha sua tarefa para fazer; geralmente isto consistia em dois ou três cortes específicos que ele fazia em quinze ou vinte carcaças de bois, numa linha. Primeiro vinha o “açougueiro”, para sangrá-los; ele desferia um rápido golpe, tão rápido que você não conseguia vê-lo – somente o lampejo da faca; e antes que você pudesse perceber aquilo, o homem já tinha disparado para o próximo da linha, e uma torrente de sangue vivo escorria pelo chão (SINCLAIR, 1965, p.48-49).

O que Sinclair descreveu foi um sistema industrial de “desmontagem” baseado em trabalho precário e barato.² Nesta linha de desmontagem a simplificação do trabalho (baseada em sua divisão) possibilitou a contratação de trabalhadores sem qualificação, o que viabilizou uma política salarial barata. Este foi, desde o começo dessa indústria, o pilar central que sustentou a trajetória bilionária da indústria da carne. As condições de trabalho, e não só o ritmo, eram bastante insalubres, e isto ficou mais evidente e público em decorrência do livro de Upton Sinclair.

Passados 100 anos, *The Jungle* não é apenas um documento de sua época. As cenas que mobilizaram a percepção de Sinclair ainda são a regra na indústria de carne. Nos Estados Unidos, a média salarial de trabalhadores empregados em frigoríficos já foi 20% superior à média salarial do setor industrial, mas passou a ser 40% inferior a partir da década de 90. No início deste século, um trabalhador de frigorífico ganhava praticamente o mesmo que um jovem empregado na rede de restaurantes McDonald's.

As lesões por esforços repetitivos aumentaram, principalmente nos frigoríficos de aves. Mesmo levando em conta que grande parte das lesões não é registrada, as taxas oficiais para tais doenças giram em torno de 25% da força

² O próprio Henry Ford disse que os matadouros de Chicago inspiraram sua primeira linha de montagem de carros, iniciada em 1913: “Tratava-se da montagem de magnetos. (...) Creio que esta estrada [linha] móvel foi a primeira que já se construiu com este fim. Veio-me a idéia vendo o sistema de carretilhas aéreas [nóris] que usam os matadouros de Chicago” (FORD, 1964, p.65-66).

de trabalho, isto desde meados da década de 80 (HALL, 1995). Esta aritmética (baixos salários, trabalho intenso, e dor/adoecimento/dor) produz uma rejeição ao trabalho em frigoríficos. Nas plantas industriais do Estado do Kansas, por exemplo, a rotatividade na década de 90 ficou entre 6% e 8% ao mês, o que representou uma taxa anual entre 72% e 96%.

Esta também é a situação dos trabalhadores ocupados nas indústrias de carne no Brasil, especialmente nos frigoríficos de abate e processamento de frangos. A cadeia avícola é um dos setores mais dinâmicos da agroindústria no Brasil. Desde 2010, o país ocupa o segundo lugar na produção mundial e conta com plantas industriais que mobilizam entre 1.500 a 3.000 trabalhadores cada. O Paraná é o maior produtor nacional, responsável por cerca de 30% do abate de frango, e sua região Oeste³ processa 1/3 do produto estadual, aproximadamente 1/10 da produção do país. E para movimentar esta cadeia são necessários milhares de trabalhadores.

Em 1996, o Oeste registrou 12,5% dos 82 mil postos de trabalho na indústria alimentícia do Paraná. Em 2010, este percentual cresceu para 21,4% (de 178 mil postos de trabalho), cerca de 1/5 de todo o Paraná. Desses 38 mil empregos ligados à indústria alimentícia, os sete frigoríficos sediados na região detêm algo perto de 60%, isto é, 21 mil postos de trabalho. Tais números representam uma história de pouco mais de duas décadas (considerando que a maioria dos frigoríficos foi instalada a partir dos anos 80), o que nos levou a delimitar a investigação realizada ao período de 1990 a 2010.

A considerar as últimas duas décadas na região Oeste do Paraná, uma numerosa força de trabalho formou-se durante este processo de industrialização recente. A experiência dos trabalhadores ocupados em frigoríficos pode ser caracterizada pelos baixos salários, pela intensificação do

³ Integram a Região Oeste do Paraná as Microrregiões de Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu, num total de 50 municípios.

trabalho, pelo aumento de acidentes e lesões causadas por esforços repetitivos, e por uma alta taxa de rotatividade que se aproximou de 100% durante os últimos dez anos. Esta rotatividade tem provocado, inclusive, o recrutamento de trabalhadores fora das cidades onde as indústrias estão instaladas.

Contudo, a despeito de sua relevância, estes números pouco explicam quais são os sentimentos produzidos e partilhados pelos trabalhadores empregados nessas indústrias. Considerando que o setor agroindustrial no Brasil (que articula inovações de alto grau tecnológico na cadeia produtiva da carne) submete o trabalho de milhares de homens e mulheres ao tipo de exploração evidenciada em *The Jungle*, nossa hipótese indica que a carne produzida no país só consegue competir com os preços internacionais espremendo os salários.⁴ A partir desta ideia temos nos concentrado em estudar a relação entre a rejeição que os trabalhadores opõem a este trabalho e a cultura que eles constroem, vivem e partilham como classe, o que formaliza uma tentativa de compreendê-la e explicá-la.

Por cultura da classe nos referimos aos sentidos e significados do trabalho constituídos coletivamente pelos trabalhadores a partir de experiências vividas como valores e práticas sociais nos diversos espaços de sociabilidade, inclusive no espaço de trabalho sob a pressão dos interesses das classes dominantes. Esta formulação retira sua força da tradição historiográfica marxista britânica, especialmente do diálogo com a produção de Edward Thompson. Assim, consideramos as narrativas dos trabalhadores como resultados de determinada experiência social que é tratada, como lembra Edward Thompson, na consciência e na cultura desses trabalhadores, alimentando ações, atitudes e comportamentos numa dada situação (THOMPSON, 1988).

⁴ Tomando a década passada como referência, de cada 100 dólares faturados na produção de carne de boi, 93 dólares eram gastos com custos (FITZGERALD, 2010, p.62). Isto indica que a taxa de lucro nesta indústria é uma das mais baixas, característica de uma produção em massa que se sustenta na intensificação do trabalho.

Nesta mesma direção, trata-se de enfatizar e compreender como esses trabalhadores, na sua maioria jovens, filhos de uma classe trabalhadora pobre, traduzem suas experiências de vida e de trabalho, se apropriam de práticas, valores, sentimentos, necessidades e memórias articuladas às suas vidas, e reelaboram esta realidade de modo a produzir atitudes e expectativas em relação a ela. Para isso, recorreremos a uma abordagem sobre as fontes orais que valoriza a entrevista como uma narrativa histórica alicerçada em determinada experiência.

Considerando o rico debate sobre o uso das fontes orais na pesquisa histórica (e a impossibilidade de sumariá-lo aqui), não utilizamos as falas dos trabalhadores apenas como informação, ainda que o conhecimento específico dos trabalhadores sobre o processo de trabalho e suas consequências seja importante para a construção da argumentação histórica. Nosso interesse voltou-se mais para as narrativas dos trabalhadores, assumindo que cada entrevista possui um enredo próprio, tecido a partir de suas trajetórias no mundo do trabalho e da forma com que lidam com as experiências vividas. Em suma, nesta perspectiva pressupomos que os trabalhadores, ao narrarem situações vividas e relacionadas ao trabalho, se apoderam de suas vidas, atribuindo-lhes significados.

Ao lidar com esta concepção operamos assim: tentamos ultrapassar os limites do caráter biográfico das entrevistas para atingir o caráter coletivo da experiência social, ou seja, buscamos tratar as experiências individuais dos trabalhadores como forma de alcançar sua experiência de classe. Para evitar o nivelamento das experiências narradas a noções ou modelos pré-concebidos transformamos em questões os assuntos pautados pelos trabalhadores, tais como o adoecimento causado pelo trabalho e a intensificação e o aumento das tarefas. Sobre isso, nos apoiamos na contribuição de Alessandro Portelli, principalmente quando ele diz que a experiência coletiva pode aparecer

marcada por muitas contradições e antagonismos, especialmente quando as trajetórias individuais recorrem a diferentes valores e referências para estruturarem suas interpretações sobre o mundo do trabalho (PORTELLI, 1997).

Em grande medida, este procedimento permitiu encarar os entrevistados como sujeitos sociais e, neste sentido, problematizar suas leituras e interpretações da realidade. Supomos que os trabalhadores, quando falam sobre seus percursos de vida e de trabalho, expõem medos, valores e expectativas face à realidade. Desse modo, a interrupção da fala dos trabalhadores, durante as entrevistas para indagar seus raciocínios e lembranças, funcionou como um procedimento para buscar e sublinhar a subjetividade presente nessas falas, percebendo-as mais que depoimentos e relatos. Isto possibilitou pensar o mundo do trabalho também a partir da dimensão dos trabalhadores: o que eles acreditam fazer e o que eles desejam fazer.

Assim, esperamos discutir como e porque os trabalhadores ocupados em frigoríficos no Oeste do Paraná rejeitam este tipo trabalho.

Trabalho consentido, sem sentido

A recusa em trabalhar nesses frigoríficos aparece, inicialmente, justificada pelos trabalhadores pelos baixos salários e às difíceis e intoleráveis condições de trabalho, principalmente o ritmo das tarefas e as temperaturas frias em que os frangos são esartejados. Mesmo quando há uma adaptação pouco traumática à rotina no frigorífico, o trabalho rapidamente se torna uma experiência dramática, repulsiva e humilhante. André trabalhou em frigorífico na região Oeste do Paraná durante sete meses no ano de 2010, e é representativo deste sentimento.

O frango está passando. Se ele passasse a vez dele [do trabalhador na linha], porque era por cor [o frango dependurado], cada pessoa pegava uma cor. Se a tua passar lá na frente e o chefe vê, ele já vinha e te xingava. **Te incomodava pra caramba**, até te levava para a salinha e dava gancho, que eles falavam lá, era uma punição para a pessoa entendeu? Mas era cansativo com certeza. O pessoal não via a hora de dar o intervalo para sair um pouco, para descansar, ou para ir almoçar, na hora da refeição. **E a hora de ir embora! A hora de ir embora parecia uma alegria! Parecia que estavam indo numa festa!** O pessoal sai exausto de lá, imagine! Porque você ficar oito horas lá, no mesmo... (grifos meus).⁵

André deixa claro que o erro é constantemente penalizado no frigorífico, e que errar não é incomum. O ritmo das tarefas é ditado pela velocidade com que os frangos avançam à frente dos trabalhadores e de suas facas, e a incapacidade de seguir o ritmo evidencia que a velocidade tende a ser regulada sempre de acordo com o desempenho máximo de quem trabalha na linha de produção. Outros trabalhadores registraram que, não raras vezes, os ritmos são cronometrados e novamente ajustados. Neste velho sistema taylorista, o cansaço e o erro parecem inevitáveis, e é por isto que as advertências soam como injustiças aos trabalhadores: “incomodava pra caramba”. O erro, o retardo e a suposta lerdeza são componentes de um mesmo reflexo humano que exige repouso e descanso.

Tamanha fiscalização é sentida especialmente como repressão aos gestos e pedidos surdos e incontidos de trégua feitos pelo corpo e pela mente. O alívio face ao trabalho, quando chega, é celebrado e convertido em sentimento de festa. Comemora-se a retomada do controle sobre o próprio corpo, sobre uma humanidade que é cancelada toda vez que a linha de produção deixa sua inércia. Mas é um sentimento passageiro. Dia após dia o ritmo é retomado de modo a reproduzir uma lógica que gera lucro para o capital, e a dor, o sofrimento e a repressão para os trabalhadores. Em apertada

⁵ Todos os nomes aqui utilizados são pseudônimos. Este recurso visa proteger a identidade dos entrevistados. André, 25 anos, trabalhou em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista concedida a Aparecida Darc de Souza, Guilherme Dotti Grando e Fagner Guglielmi Pereira, em março de 2011.

síntese, homens e mulheres que cortam a carne conferem vida ao frigorífico, enquanto o funcionamento desta fábrica retira-lhes o vigor humano. Como disse André, “Imagine... você ficar oito horas lá”.

A falta de sentido na execução das tarefas é algo constitutivo de toda a cadeia produtiva. Ao acelerar o trabalho para barateá-lo, os frigoríficos o tornam insuportável. Esta experiência é vivida e interpretada pungentemente por Ricardo. Ele trabalhou em um dos maiores frigoríficos da região, em diversas funções durante dez anos, desde o final da década de 90. Atualmente, ele está afastado por tempo indeterminado por doenças causadas pelo trabalho.⁶

Quando foi admitido na empresa, Ricardo se ocupou com o manejo das aves. Nos aviários trabalhou na pesagem das matrizes, na coleta de sangue (para exames), revirou e arrumou a “cama” das galinhas e recolheu ovos. Ao longo de sete anos a execução destas tarefas lhe machucou a coluna vertebral. Ricardo sentia dores nas costas e intercalava atestados médicos com tratamentos sem sucesso à base de muitos analgésicos e anti-inflamatórios. A aposentadoria não pareceu uma opção para a empresa, pois poderia embasar um pedido de indenização. Mais barato seria – como de fato tem sido – manter Ricardo ligado às funções produtivas, ora na ativa, ora afastado. Durante 30 dias a empresa lhe pagou o salário e o manteve em casa, de repouso e medicado, uma curiosa terapia.

Ao retornar, assumiu outro posto, na condição de realocado. Ricardo passou a trabalhar na evisceração, separando miúdos, mas depois de 90 dias um

⁶ Perguntado sobre a razão que o levou a trabalhar no frigorífico, Ricardo argumentou que não havia escolha. Seu pai sustentava a família e precisou da ajuda dos filhos. Seu primeiro emprego foi num colégio agrícola, no final dos anos 80, onde se identificou com as funções que consistiam em apoiar o aprendizado dos alunos. O salário não era ruim, mas a prefeitura começou a atrasar o pagamento porque a Sadia, maior contribuinte do município, passou a quitar seus tributos nos cofres da cidade vizinha e a medir forças com o grupo político dirigente da época (disputa que não nos cabe aqui analisar). Sem alternativa, Ricardo viu-se impelido a trocar o colégio agrícola pelo frigorífico.

de seus braços começou a doer e foi novamente realocado. Em nova função, ele se encarregou de “limpar” a carne que era contaminada com a bile da vesícula. Como ele mesmo realçou, “trabalhei de teimoso, três ou quatro vezes por semana. E daí, como não trabalhava sábado e domingo, ficava de atestado na sexta, ou emendava na segunda porque não aguentava por causa do braço”. A esta altura o indagamos sobre a razão de tamanha persistência.

Ricardo nos respondeu que se sentia pressionado. Ele nos explicou que o médico “não está preocupado se você está se tratando ou não... está preocupado é se você vai voltar ou não a trabalhar em vez de tratar do problema que você tem”. De fato, neste contexto, a enfermeira do ambulatório na empresa, a assistente social e os médicos especialistas em medicina “do trabalho” tendem a compor um forte e articulado aparato político que auxilia a empresa a extrair todas as energias dos trabalhadores. Um de nossos entrevistados disse que a medicina do trabalho deveria se denominar “medicina do capital”. O próprio Ricardo havia se perdido nas contas sobre quantas perícias foi obrigado a realizar até se tornar imprestável para o trabalho.

Antes da lesão, ele já se perguntava sobre o sentido do seu trabalho. Destacou isto ao refazer seu percurso na empresa, durante uma entrevista.

Em dois mil e três eu trabalhava todo dia. Quando era de tarde até a hora que escurece. Sentava na porta e ficava pensando: ‘você trabalhava, e **todo dia fazendo a mesma coisa**’. Você não via nada, assim, ficava ali **todo dia fazendo a mesma coisa** ficava porque ficava agonizando. O cara por dentro, assim, **todo dia você fazendo a mesma coisa, todo dia a mesma coisa**. Chega um tempo que **você até pira se parar pra pensar**, tanto serviço pro cara fazer que quando você parava nas férias ficava... você ficava com aquilo na cabeça, **estou fazendo todo dia a mesma coisa** e quando você pára pra pensar que você começa a ver que se não tivesse a doença... Não valia a pena ficar fazendo aquilo que você estava [fazendo], **a mesma coisa todo dia** (grifo meu).⁷

⁷ Ricardo, 38 anos, trabalhou em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista concedida a Antônio Bosi, Vagner Moreira e Rinaldo Varussa, em maio de 2011.

“Fazendo a mesma coisa”. Ricardo repetiu esta frase cinco vezes. A entrevista pareceu-lhe ser uma oportunidade para explicitar uma queixa contra algo que se tornou mais claro em seu pensamento quando lesionou a coluna. Os sinônimos não encontrados poderiam ser: tédio, monotonia, cansaço, aborrecimento, fastio, desalento, desgosto... “fazer a mesma coisa”. A reflexão parece ter sido compelida pelo tempo do descanso. Sentado à porta de casa, ele pensava em sua rotina de trabalho, na razão de seu cansaço: fazer “a mesma coisa todo dia”. O trabalho – *sem* trabalho – reprimia-o. Queixava-se de não ver nada que não fosse “a mesma coisa”; queixava-se de agonizar ao fazer sempre a mesma coisa, o que lhe parecia ser “coisa nenhuma”.

A repetição sem criatividade corresponde a um dos aspectos mais destrutivos do que Marx denominou de “trabalho alienado”. Passam-se horas repetindo funções sem sentido, cuja compensação é o salário e nada mais. Não há nenhum tipo de prestígio ou status conseguido no âmbito do trabalho realizado, e é por esta razão que Ricardo (e trabalhadores como ele) busca sistematicamente desatar-se de tal rotina para encontrar algum ressarcimento social, moral e afetivo longe dali. Torna-se implícito na vida desses jovens que a linha de fuga da frustração deve ser procurada fora do trabalho, assim como todos os valores importantes que geralmente estruturavam uma visão de mundo.

Evidência maior disso está no esforço que os frigoríficos fazem para entusiasmar os jovens a se engajarem no corte de frangos. À procura de braços, um desses frigoríficos oferece uma lista de “benefícios” que relaciona participação nos resultados, bônus por produção, ambulatório médico (!), atendimento de fisioterapia (!), assistência médica (!), área de lazer para recreação e convênio médico. A esta lista ainda é adicionada itens fornecidos pelo sindicato, tais como cortes de cabelo e curso de informática. O risco (inevitável) das lesões e a parceria entre o frigorífico e a entidade representativa

dos trabalhadores sobressaem na brecha escandalosa entre as promessas contidas nesta lista e o seu cumprimento. Trabalhar ali adoece, mas parece não ter havido alternativa para pessoas como André e Ricardo.

Neste contexto, a gerência dos frigoríficos soma-se à função política das enfermeiras, dos assistentes sociais e dos médicos, na incumbência de fixar esses trabalhadores ao frigorífico pelo maior tempo possível. Tão importante quanto à organização do trabalho e às estratégias de fiscalização patronal, é a leitura feita por gerentes sobre a resistência dos trabalhadores. Os gerentes lidam rotineiramente com a recusa ao trabalho demonstrada na forma do absenteísmo, do abandono de emprego, da alta rotatividade e da aversão – aberta ou não – às tarefas enfadonhas e ao ritmo cada vez mais acelerado da produção. Portanto, a resistência ao trabalho não é um elemento estranho aos gerentes. Ao contrário, eles tentam explicá-la escudando-se na força do costume – ou na falta dele –, tentando manejar atrapalhadamente um vocabulário que expressa sua experiência frente às muitas reclamações ouvidas dos trabalhadores.

A partir daí que a gente viu que não existia mais a possibilidade da mão-de-obra aqui na região né?. E uma das grandes dificuldades que a gente vê ao nosso sucesso aqui [região Oeste do Paraná], **é que não existe a cultura nossa. Ainda é muito resistente as pessoas trabalharem em turnos, levantar mais cedo pro trabalho né?.** Que de repente ele [trabalhador] quer ter... não quer trabalhar de noite. **Então é muito cultural né?. Nossa cultura não está habituada a trabalhar em processo industrial ainda.** (...) Gradativamente, cada ano vai começar a passar isso né?, Essa falta né?, de repente de pessoas mais preparadas. A pessoa quer ter a folga dela de noite, depois das cinco e meia né?. Ou de manhã cedo quer levantar oito horas para ir trabalhar (grifos meus).⁸

A “ausência” de uma “cultura nossa” (leia-se disciplina para o trabalho industrial) é um argumento requeitado e um artefato da dominação burguesa. Ele ganhou relevância nos anos 60 e 70, como objeto da sociologia, para explicar as dificuldades do “ajustamento” de um operariado em formação à

⁸ Gerente de produção de um Frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista realizada em 2009.

indústria no Brasil, arrastando como justificativa a sua origem rural e desqualificando suas reivindicações e necessidades históricas. Nesse enquadramento, os trabalhadores teriam pouca disposição em aceitar variadas escalas de horários e nenhuma autonomia na organização e execução do próprio trabalho.

No presente, a “cultura” do trabalho existente no Oeste do Paraná seria insuficiente para a agroindústria. Porém, o cotejamento entre a visão do gerente e a insatisfação de André e Ricardo de fato aponta para um conflito de culturas, pensadas como a forma de organização do trabalho, mas amplia sobremaneira os pontos de divergências e de atritos. A perspectiva dos trabalhadores é mais rica e complexa do que aquela oferecida pelo gerente, pois retoma o trabalho como uma atividade que deveria ser criativa e recompensadora, além de indicar os limites que eles não estão dispostos a ultrapassar. Tomando certa distância para avaliá-las pode-se dizer que são posições incompatíveis e expressam um cabo de guerra travado silenciosamente durante a maior parte do tempo.

Avançar sobre tais limites implica ainda enfrentar riscos difíceis de contornar, pois o trabalho em frigoríficos de frango figura entre os mais perigosos. Cortar carne na velocidade, quantidade e intensidade exigidas atualmente provoca lesões que podem ser incuráveis. A este respeito, Ana Luiza Finkler entrevistou trabalhadores lesionados nos frigoríficos do Oeste paranaense e concluiu que o tempo de permanência nesta ocupação é de cinco anos até que alguma doença do trabalho seja considerada crônica, tornando-os inúteis para as atividades que exerciam antes. Outra conta assustadora revela que o tempo médio de trabalho para que esses trabalhadores sintam algum tipo de dor característica de esforços repetitivos é de 18 meses (FINKLER, 2007).

Os casos limites, quando os trabalhadores são aposentados por invalidez e recebem alguma indenização, são carregados de dramaticidade.

Como disse um entrevistado, “é como morrer e continuar vivo”. Artur vive esta situação. Ele trabalhou em diversas funções no frigorífico e sentiu as primeiras dores com dois anos de emprego, iniciando a partir dali uma trajetória de visitas ao médico, afastamentos, mudanças de setor, anti-inflamatórios e muita dor. Entrevistado em 2012, as doenças adquiridas na linha de corte do frango exauriram seu vigor e saúde.

Já tomei Morfina, Tramadol, Cymbalta, Gabapentina (...), eu tomo tudo isso aí, são considerados os remédios top, os mais fortes pra dor e não tira a minha dor. Alivia pouca coisa, não tira. Aí, assim, eu vivo nessa enfermidade, até deus sabe quando. E está difícil eu viver assim. Eu não estou agüentando. (...). É difícil... é deitado o dia inteiro e com dor, dor, dor, dor... Sofre eu, sofre a família. Hoje... deixa eu falar. Eu estou com onze anos de casado. Era pra mim ter um filho, uma família... (...). Infelizmente eu não tive por causa disso, porque eu vivo em cima de uma cama, como é que eu vou ter uma criança nesse estado. Minha mulher tem que trabalhar, são coisas que me revoltam... é triste, é duro, eu sofro muito, muito mesmo.⁹

Em que pese o fato de Artur esperar que sua entrevista repercuta contra os estragos humanos provocados pelos frigoríficos da região (sua entrevista fará parte de um documentário ainda inconcluso), expor-se assim, tão crua e profundamente, mostra a dimensão vivida por alguém destroçado pelo trabalho. A imagem autoprojeta é de sofrimento, frustração e impotência. Na entrevista, Artur explica que seu desejo ao construir esta imagem é expressar sua experiência e dela fazer algo que possa “punir” a empresa. Ao mesmo tempo, ele sabe que sua condição não tem remissão. Para ele este é o fim da linha. Sua narrativa está fechada num tipo de dor física que abate o espírito e cancela qualquer perspectiva elaborada de futuro, embora o seu “testemunho” carregue também a esperança de que a sua trajetória não será repetida.

Este enredo está em alguma medida sendo naturalizado. No bairro de uma cidade onde reside um grande número de trabalhadores de um dos principais frigoríficos da região, o Sindicato que representa a categoria mantém

⁹ Artur, 34 anos, trabalhou em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista concedida a Antônio Bosi, Vagner Moreira e Rinaldo Varussa em fevereiro de 2012.

uma farmácia para seus associados. Ações assistencialistas não são incomuns na tradição sindical brasileira, mas disponibilizar os serviços de uma farmácia neste contexto é trágico. Para os trabalhadores em frigoríficos, no caso do Oeste do Paraná, os sindicatos existentes desenvolvem uma prática conciliatória com as empresas. Nenhuma ação mais ousada, que paralise as atividades produtivas, como forma de pautar limites aos ritmos e à intensidade do trabalho, é organizada por essas entidades.¹⁰

Neste ambiente não é de se estranhar que os trabalhadores tenham muitas ressalvas aos sindicatos. Juliano, que trabalhou até 2009 em um frigorífico, expressa um sentimento comum entre seus pares, quando explica o que pensa do sindicato:

Mas sindicato o pessoal já nem ia, **que tem aquela fama: 'o sindicato é da empresa'**. Podia até reclamar, fazer alguma coisa e, na época, o sindicato aparecia lá só época de eleição sindical. Mas daí era chapa única e aparecia lá de cinco em cinco anos. Era chapa única. Não tinha outra chapa, e não tinha outro [sindicato]... assim, pra quem reclamar. Quem poderia defender o sindicato num defende, e não tinha nenhum programa de orientação. **O pessoal também não ia porque também não confiava.** (...) Teve um caso, uma vez, que a gente fez uma paralisação porque não tinha ônibus, chegava atrasado, porque o pessoal queria estudar e o cara levou a reclamação no sindicato. No outro dia [ele] ganhou a conta. Então perdia tudo. Quando você levava lá eles estavam falando pros caras da Sadia, **o pessoal nem ia reclamar e não vai até hoje** (Grifos nossos).¹¹

Este tipo de sentimento não deve ser creditado inteiramente à determinada aversão política encontrada no senso comum, pois ele deriva diretamente de uma experiência mal sucedida de busca de valorização do

¹⁰ As iniciativas espontâneas de greve, relatadas pelos trabalhadores, têm sido facilmente debeladas pela empresa e geralmente não encontram respaldo nos sindicatos. Ações mais contundentes se voltam para órgãos do judiciário, denunciando o descumprimento da legislação ou exigindo normas e ajustes de conduta que prevejam a redução da velocidade da linha de produção e intervalos durante a jornada de trabalho. Característica maior da convivência entre os sindicatos e os frigoríficos que atuam na região está na celebração do contrato de trabalho, quando os trabalhadores recebem junto uma ficha para a formalização de sua sindicalização.

¹¹ Juliano, 25 anos, trabalhou no frigorífico da Sadia, Toledo/PR. Entrevista concedida a Antônio de Pádua Bosi, Vagner José Moreira e Rinaldo Varussa, em janeiro de 2011.

trabalho e de proteção contra a empresa. Ele também não deve ser considerado como uma singularidade dos frigoríficos ou da região, uma vez que repete padrões característicos de uma das mais fortes tradições sindicais do Brasil, constituída, principalmente, desde a estrutura sindical varguista. Trata-se de uma tradição cujas práticas são avessas ao choque contra o patronato. Seu habitat político é a conciliação, e a forma preferencial (exclusiva) para lidar com os conflitos é a sua judicialização. A considerar a judicialização como um componente da luta de classe (e ele o é no Brasil) cabe avaliar que seu uso geralmente tem acontecido, no caso dos frigoríficos da região, contra a negligência daquilo que já se encontra estabelecido na lei a exemplo do não pagamento de horas extras e adicional de insalubridade. Além disso, os sindicatos não são a primeira escolha de representação legal dos trabalhadores que litigam os frigoríficos. Portanto, tal experiência é que leva muitos trabalhadores como Juliano a desconfiarem dos sindicatos.

Apesar de a recusa em se empregar nos frigoríficos ter lastro na experiência direta de trabalhadores como Artur, trabalhar em uma grande empresa talvez seja o maior dos fetiches projetados pelo capital sobre a população do Oeste do Paraná. A mídia se encarrega de disseminá-lo, afirmando que os frigoríficos são o melhor projeto agroindustrial para a região. Esta ideia tende a integrar o cotidiano de todos à medida que é vista como a única alternativa para os jovens que não migram da região. Ademais, há o impacto da indústria sobre trajetórias de jovens que vêm do interior para tentar a sorte na cidade. Tem-se a garantia do registro em carteira e a certeza de receber o salário no final do mês. Contrastada à experiência de vida no campo, onde a renda é duvidosa e a sociabilidade parece defasada e pouca atrativa para os jovens, a cidade ainda é uma rota de fuga que interessa bastante.

Ao ouvir os trabalhadores, tem-se a impressão – bastante verdadeira – de que o seu encantamento com a grande indústria se desfaz rapidamente. Mas

a despeito disto, trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação e sem bons contatos na cidade continuam subordinados a ela. Isto acontece porque plantas industriais com 2.000 postos de trabalho instaladas em pequenas cidades na maioria das vezes aspiram a controlar o mercado de trabalho, ditando os salários e as condições de trabalho. Sua área de influência se estende para o interior do município onde está instalada e para além de seus limites, alcançando cidades ainda menores fixadas nos seus arredores. É neste raio que os frigoríficos encontram os braços dos quais precisam, e é assim que a promessa de gerar empregos e renda ganha contornos cínicos ao divulgar a alternativa de emprego nessas empresas como a melhor alternativa. Significa dizer que trabalhar em frigoríficos é encontrar-se sem opção.

Desse modo, a recusa em trabalhar em frigoríficos espelha a impossibilidade de os trabalhadores construírem uma identidade positiva centrada no trabalho, articulada autonomamente e com alguma força para estruturar coletivamente seus sentimentos. Mesmo as tentativas das empresas de envernizar os empregos que oferecem, fazendo-os parecer atrativos, são facilmente desmanteladas por muitos trabalhadores que vivem o contraste entre a propaganda e o emprego real. Como argumentou uma entrevistada, “[você] vem pensando que é uma coisa e lá é outra, a gente vai por um bom salário... você vai pra fazer isso e fazer aquilo, quando você chega lá é diferente! Eles querem desossar você em vez do frango”.¹²

Até certo ponto, o desapego demonstrado relativamente aos empregos nos frigoríficos cumpre uma função política e social importante em favor do capital organizado naquela região porque desencoraja os trabalhadores a construírem vínculos mais fortes e densos com seu trabalho que eventualmente

¹² Fernanda, 29 anos, trabalhou em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista concedida a Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em fevereiro de 2011.

possam alimentar uma identidade capaz de estimular algum tipo de luta pela valorização do trabalho.

Não ter expectativa no próprio emprego, geralmente, deixa o trabalhador sem muito entusiasmo para se dedicar ao trabalho, e isto pode fragilizar os laços com a empresa de modo a gerar uma situação bifronte: o desinteresse pelo trabalho reduz sua produtividade e dedicação, mas também evita qualquer envolvimento dos trabalhadores que implique em exigências para melhorar as condições de trabalho e os salários, o que desagradaria e muito o capital. Assim, pode-se considerar que a falta de uma identidade visceral entre o trabalhador e seu trabalho é funcional para os frigoríficos.¹³

Os espaços fora do trabalho

Admitir que o trabalho seja sinônimo de sofrimento faz com que esses trabalhadores se vinculem cada vez mais à ideia de que a satisfação da vida tem que ser buscada noutro lugar. Há tempos esta satisfação foi sonhada em vida e imaginada como um consolo a ser alcançado após a morte. A salvação – um ato de fé – podia conferir algum consolo emocional para suportar a exploração do trabalho e uma vida de pobreza, mas atualmente este recurso religioso e ascético tem impacto comedido. Seitas e igrejas que alimentam tal visão não têm tido muita chance com os jovens lá empregados, pois a busca de satisfação e compensação orienta-se para coisas menos espirituais e mais imediatas como a compra dos emblemas de sua época: roupas de etiqueta, tênis da moda e uma motocicleta que lhes dará a impressão de liberdade e poder (mesmo que seja no percurso feito cotidianamente entre a casa e a empresa).

¹³ Isto não significa que o setor patronal queira, por escolha, uma alta rotatividade, mas que na região Oeste do Paraná o capital está se adaptando a ela. Isto também não é contraditório com as reivindicações do setor patronal para ter à disposição uma força de trabalho obediente e laboriosa, e nem cancela ações que pressionam as pessoas a se empregarem nos frigoríficos.

Porém, manter-se neste mundo não é fácil. Por um lado, os trabalhadores aprendem desde cedo, a cultivar o valor do “trabalho honesto” no âmbito de instituições como a família e a escola. Eles têm seus valores estruturados em torno da necessidade do trabalho, da constituição de algum patrimônio (casa e carro) e de um casamento. É neste contexto que também “aprendem” a confiar na promessa da industrialização como forma de geração de emprego e renda na região. Por outro lado, o fato de serem filhos de uma classe trabalhadora pobre, muitas vezes testada em todos os seus limites econômicos e morais, situa-os num veio estreito onde a fronteira entre o legal e o ilegal é quase simbólica. A opção de “ganhar” a vida ilegalmente está sempre disponível, embora tende a ser mais imediatamente descartada quando amigos, parentes ou conhecidos se veem em apuros com a justiça por algum tipo de delito, ou porque são ameaçados por quadrilhas rivais. E isto é comum na região Oeste do Paraná, um verdadeiro corredor de mercadorias ilícitas ou contrabandeadas.

Nesta atmosfera, escapar à repressão vivida nos frigoríficos é uma tarefa que precisa ser renovada permanentemente noutros espaços de sociabilidade onde a cultura desta classe é formada. Como esclarecem os entrevistados, o cansaço do trabalho é “espantado” nos espaços e atividades organizadas com os amigos e que caracterizam sua sociabilidade: frequentar bailinhos, jogar futebol, reunir-se para festas, namorar e simplesmente conversar. É como eles definem o que gostam de fazer: “fazer nada”.¹⁴

Entre os trabalhadores jovens empregados nos frigoríficos, o “fazer nada” pode ser interpretado como uma expressão dos sentimentos de

¹⁴ Esta prática social já foi apontada em estudos realizados nas décadas de 1960 e 1970, em torno da jovem classe operária inglesa que não se reconhecia na cultura do trabalho herdada de seus pais, engajada política e profissionalmente. “Todas as atividades que vêm sob a etiqueta do ‘fazendo nada’ representam a mais ampla e mais complexa subcultura jovem. Eles trocam histórias que não precisam ser verdadeiras ou reais, mas que são interessantes para eles. Sobre futebol, sobre qualquer coisa, não falam para comunicar ideias, mas para comunicar a experiência de falar” (CORRIGAN, 2005, p.103).

desapontamento e frustração vividos no trabalho. Os espaços onde não se “faz nada” são públicos e se distinguem dos espaços da família e da escola, pois não são vigiados e nem aborrecidos. Assim, os espaços selecionados por esses trabalhadores são, principalmente, os bares do bairro, os bailes e as vias centrais da cidade.¹⁵ Todas as entrevistas realizadas tiveram, inicialmente, o mesmo tipo de resposta à questão “o que vocês fazem fora do frigorífico?”: “não faço nada”. Foi preciso insistir bastante para que eles detalhassem os significados de “não fazer nada”. Aliás, todos tenderam a ficar reticentes diante de nosso interesse pelo que faziam de seu tempo fora do trabalho. Jussara reagiu assim:

- Não faço nada. Saio com minhas amigas pra conversar, se divertir.

- *Mas o que vocês fazem?*

- Não fazemos nada. Só conversamos [risos].

- *Vocês conversam sobre o quê?*

- [risos] Sobre muita coisa! Vamos pra avenida e ficamos conversando sobre as pessoas que passam [risos], sobre os piá [garotos].¹⁶

Nestes espaços de sociabilidade, as conversas parecem ser lúdicas, embora também ocorram trocas de informações de repercussão mais sérias ou de natureza pessoal, como dívidas, falecimentos na família, dissabores amorosos etc. Fala-se de quase tudo, menos (ou quase nunca) do trabalho. São espaços frequentados por jovens solteiros e tendem a ser preservados como lugares destinados predominantemente à classe trabalhadora. Sobre isto, Leandro ressaltou as distâncias sociais existentes dentro daquela cidade:

¹⁵ No caso da escola, é bem pequena a possibilidade de desenvolver relações que contrabalancem o sofrimento vivido nos frigoríficos. Aqueles que conseguem permanecer até concluírem o ensino médio geralmente não veem a escola como um espaço adequado às necessidades de alguém que enfrenta uma jornada de trabalho que começa na madrugada do dia e termina no meio da tarde.

¹⁶ Jussara, 21 anos, trabalha em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista realizada por Antônio de Pádua Bosi em 11 de fevereiro de 2011.

- *E o que vocês gostam de fazer final de semana?*
- Ah, eu mesmo gosto de ir pro Olímpico¹⁷ às vezes. O lugar que eu mais vou é no Olímpico mesmo. No lago [lago de Cascavel] às vezes.
- *Mas chegavam a frequentar, por exemplo, Bielle¹⁸?*
- Não. Que daí meu bolso não alcança mais Bielle. [risos] **Eu vou bastante no Square¹⁹ né?, de, tipo assim, baile de mais alto valor né?**
- *O que custa ir no Olímpico?*
- Ah, no Olímpico os valores varia entre dez pila [reais], quinze pila.
- *E lá dentro vocês gastam quanto?*
- Aí lá dentro gasta mais uns quarenta pila, com bebida e tudo um pouco mais né?.
- *Nos outros clubes o preço é mais caro?*
- É, tipo, lá, **eu ouvi falar que**, numa dose de whisky lá, os cara pagam nove pila. Então aí pra mim não da né?. O meu bolso não alcança. [risos] E na Bielle é a mesma coisa.²⁰

Entender este universo não é exatamente uma tarefa fácil. Numa escala arbitrária é possível mapear clubes, bares e boates como lugares marcados pela experiência de classe, embora haja algum tráfego de trabalhadores com renda inferior a dois salários mínimos, como Leandro, nos espaços mais caros, mantidos pelos filhos da burguesia e pequena burguesia. Pode-se posicionar o Olímpico e o Cowboy Sallon como os ingressos mais baratos, seguidos por bares/boates como o Square, subindo o próximo degrau para chegar até lugares como o Bielle e o Holligans Pub Rock, os ingressos mais caros. Geralmente, as tentativas de trabalhadores pobres integrarem os lugares da burguesia são frustradas porque o “sabor” experimentado, por ser caro, é efêmero e não pode ser degustado com frequência. Lugares como o Olímpico tendem a se

¹⁷ Trata-se de Clube Social popular com espaço para a realização de bailes.

¹⁸ Trata-se de outro Clube Social, fundado em 1976, e voltado para jovens de classe média. Possui estrutura de camarotes e área Vip. A sugestão na pergunta foi feita para verificarmos se havia alguma circulação de trabalhadores dos frigoríficos neste espaço caracteristicamente de classe média.

¹⁹ Bar voltado para jovens universitários.

²⁰ Leandro, 22 anos, trabalha em frigorífico no Oeste do Paraná. Entrevista concedida a Antônio de Pádua Bosi e Guilherme Dotti Grando em novembro de 2010.

consolidar como espaços ocupados e mantidos por jovens trabalhadores, que ganham salário mínimo e que moram com os pais. Mas parece ser mais um espaço *para* a classe e menos um espaço *da* classe, constituído por trabalhadores.

Talvez mais importante do que o lugar, seja o que se faz nele. Outra entrevistada, acompanhada de duas amigas, detalhou o “não fazer nada”:

- E lá, o que vocês fazem?

- É, tomar tererê... **na rotatória nós vamos jogar papo fora...** beber [risos]
É o que mais nós faz né? [risos]

- E no lago?

- Vamos tomar tererê, dar uma volta. É na praça e no lago a gente vai tomar tererê, dá uma volta, conversar... **daí na rotatória é... encher os caneco!**

[...] - E quando vocês saem pra passear, sobre o que vocês conversam?

- [risos] Sobre tudo! Sobre tudo... Tudo, **sobre fofoca, moda...** Bom, **se tiver só mulher nós fala mal dos homens [risos] e homem junto nós fala igual!** (Grifos nossos).²¹

Para Jaqueline e suas amigas “fazer nada” tem o sentido de participar e comunicar uma experiência, mas não se trata necessariamente de comunicar uma ideia. A experiência de falar qualquer coisa é o mais importante porque as faz se sentirem vivas e identificadas com um mundo onde cabe o riso, a diversão e a troça, componentes de uma sociabilidade quase inexistente nos frigoríficos. É uma rota de fuga real que, todavia, tenta encaminhar, sem sucesso, uma solução para a frustração sentida no trabalho. O dilema que Jaqueline e seus pares enfrentam é um drama do mundo atual que aflige mais pessoas do que se possa imaginar.

Wright Mills se referiu a ele como “uma perda de sentido do trabalho” (WRIGHT MILLS, 1976). Em algum momento, o capitalismo transformou o aspecto instrumental do trabalho (ganhar 1 salário) na sua dimensão mais

²¹ Jaqueline, Michele e Priscila, 19 anos cada, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira em outubro de 2011.

expressiva, e isto provocou consequências inescapáveis. A conversão cada vez mais completa do trabalho em salário implicou a conversão do trabalho em meio e não um fim. Constituir uma identidade referida no trabalho deixou de ser uma necessidade predominantemente social, e grande parte do mal-estar declarado pelos jovens dos frigoríficos deriva desta perda de sentido.

A própria virtuosidade do trabalho na linha de produção é medida exclusivamente pela rapidez, em termos produtivistas, porque lá a subordinação do trabalho pelo capital parece ter sido conseguida. Até mesmo as promessas de realização por meio do trabalho contidas na política fabril dispensada aos trabalhadores são vistas e sentidas como fingimento. Na perspectiva dos trabalhadores, o salário é a única possibilidade potencial de sua realização.²²

Considerações Finais

Para esses trabalhadores, o trabalho nos frigoríficos é degradante e destituído de sentido, e isso dificulta a estruturação de uma identidade positiva centrada no trabalho.

A rejeição do trabalho é um desdobramento desta experiência, mas as opções não são muito melhores do que os frigoríficos. Para jovens com pouca ou nenhuma qualificação, o circuito de emprego é ainda mais restrito, e isto tende a conduzir os trabalhadores de volta aos frigoríficos.

²² Marx denominou este tipo de trabalho como alienado, mas em seu tempo (e antes dele) a alienação foi duramente atacada por trabalhadores que herdaram costumes, tradições, valores e práticas coletivas centradas numa percepção de que a realização pessoal e a identidade eram forjadas relativamente às experiências do trabalho. Raciocinando nesta direção podemos ver os sindicatos como uma expressão histórica deste enfrentamento, uma vez que a sua constituição visava proteger os trabalhadores de modo a manter algum controle destes sobre o que faziam para ganhar a vida. Portanto, sua pouca ou nenhuma combatividade nos dias atuais pode ser lida como um declínio desta capacidade de resistência organizada. Na retaguarda desta luta buscava-se defender as trincheiras que eram as últimas linhas a separar o domínio capitalista da zona de autonomia e criatividade pertencente aos trabalhadores. Atualmente, este combate tem se mostrado profundamente desfavorável a classe trabalhadora, mas nos frigoríficos, onde o trabalho encontra-se simplificado e subordinado, esta batalha tem sido um massacre.

Ao avaliar o conjunto das entrevistas realizadas, não encontramos traços de resistência organizada ou algum projeto para reverter a sorte vivida nos frigoríficos ou no circuito de empregos precários e baratos, ao qual estão submetidos esses jovens trabalhadores. Isto é ruim. Olhando de perto parece que a confiança na estruturação da vida pelo trabalho está bastante desgastada. Alguns valores que já animaram uma defesa coletiva do trabalho parecem corroídos e fora de lugar quando conversamos com esses jovens, e eles têm razões para sentirem-se assim. A experiência de uma profissão de longa duração para trabalhadores pobres é algo recessivo. Este tipo de estabilidade tem se esvaído e muitas vezes seus pais guardam dela apenas uma recordação. O modelo tradicional de trabalho tornou-se muito caro e inviável para o capital, que passou a bombardeá-lo nas últimas décadas.

De fato, neste mundo do trabalho “reestruturado”, agroindustrial, há pouca coisa na qual um jovem trabalhador possa se agarrar e tecer uma expectativa de futuro. A relação com postos de trabalho precários e sem prestígio não é capaz de produzir identidades sociais densas e duradouras, até mesmo porque a motivação desses trabalhadores parece não residir mais no próprio trabalho, mas nas coisas que o salário recebido compra. Além disso, as opções salariais dos empregos para jovens como os que entrevistamos são estreitas. O salário médio (agricultura, comércio e indústria) dificilmente ultrapassa o valor de um salário mínimo, o que evidencia um nítido contraste entre o dinamismo da economia e o mercado de trabalho na região Oeste do Paraná. Para esses trabalhadores, resta de pé o apelo ao trabalho como um dever moral e social, ainda que bastante puído.

Retornamos uma última vez aos trabalhadores empregados nos frigoríficos do Oeste do Paraná.

- Funk, principalmente, é o que mais nós fala... **a gente não fala, a gente dança...**

- *E as letras [de Funk], vocês gostam também?*

- **As letra! ah, tem algumas que é meio... pesada, meio pesada mas...**

- *Como assim pesada?*

- Na verdade é gíria, porque o funk é assim, **uma música de duplo sentido sabe?** Ele fala uma coisa, mas na verdade é bem outra!

- *Por exemplo?*

- Que nem... deixa eu lembrar, [risos] essa... essa é de duplo sentido. **Se você escuta, você pensa que é outra coisa, mas na verdade não é igual: “Perdeu, só você tinha”. Se você escuta assim você vai pensar uma coisa, mas na verdade é outra!** (grifos meus).

O universo descrito decorre de uma experiência coletiva, e isto é importante para o reconhecermos como um espaço *da* classe. Porém, os temas que mobilizam a atenção desses jovens não coincidem com qualquer agenda política convencional da classe trabalhadora.

A este respeito, sob o impacto da crise capitalista e da ascensão do nazismo em 1933, Walter Benjamin tentou avaliar um tipo de exaustão social diante da experiência proporcionada pela mercantilização da vida, uma experiência que aplacava os homens e os deixava - culturalmente - mais pobres -, algo que se prolongou como regra social até os dias atuais. Penso que a advertência de Benjamin é forte o bastante para iluminar o mal-estar acusado por trabalhadores como Leandro e Jaqueline: “Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia” (BENJAMIN, 1994, p.118).

Reunir-se para conversar e “não fazer nada” também pode ser entendido como um desses sonhos. Já vimos que esses lugares são criados pelos trabalhadores para funcionar como uma zona de conforto e autonomia em alternativa a uma rotina de trabalho cumprida por absoluta obrigação e sem satisfação pessoal. Mas enquanto esses lugares forem apenas uma área de

escape não há muito que se esperar deles e dos sujeitos que o constituem. Isto é desalentador, pois a tentativa de compensar a tristeza desta forma é uma quase sublimação, um recurso humano em meio à desumanidade causada pelo trabalho alienado.

Remanesce o fato, que não deve ser desprezado, de que a constituição de um universo cultural que seja inversamente proporcional ao sofrimento vivido no trabalho é uma reação coletiva, mesmo que esta cultura seja influenciada e subordinada pelo próprio capitalismo. Ela parece permitir-lhes evadirem-se da repressão. Mas esta rota de fuga precisa ser avaliada, pois seu ponto de chegada mostra-se demasiadamente nebuloso. Não há dúvida de que a experiência comunicada (o apelo aberto à erotização) é um ato de combate à frustração, mas é também um ato de desesperança, pois o contorno (não emancipação) da repressão vivida no trabalho é realizado na esfera do consumo e da sexualidade, e isto pode equivaler ao abandono de qualquer reflexão crítica sobre a condição proletária.

Por fim, ao examinar este problema mais de perto não é prudente e nem desejável que se feche o horizonte desses trabalhadores, congelando este instante histórico e fazendo-o coincidir com uma (in)capacidade de reação. Em que pese o fato de o cotidiano desses trabalhadores estar impregnado de propaganda do *status quo*, cabe insistir no diálogo acerca desta condição proletária. Situações como a intensificação e a desqualificação do trabalho, tanto quanto as possibilidades articuladas de recusa de tais condições, devem ser encaradas como problemas a serem pontuados e discutidos com os trabalhadores. Isto envolve também a identificação de lugares ocupados e permanentemente construídos por eles que “funcionam” como zonas de autonomia relativamente ao capital, como lugares *da* classe, mesmo que as evidências aqui organizadas e discutidas desanimem este tipo de investimento.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Obras escolhidas*. Magia, Técnica e Política. 7ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p.114-119.
- CORRIGAN, Paul. Doing Nothing. In: HALL, S.; JEFFERSON, T. (Ed.). *Resistance through Rituals*. Birmingham: University of Birmingham, 2005.
- FINKLER, A.L. *Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo de trabalho em frigoríficos*. Cascavel, 2007. 95 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem) - Unioeste.
- FITZGERALD, Amy J. A Social History of the Slaughterhouse: From Inception to Contemporary Implications. *Human Ecology Review*, v. 17, n. 1, p. 58-69, 2010.
- FORD, Henry. *Os princípios da prosperidade*. 2ª ed. Trad. Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1964.
- HALL, Bob. The Kill Line. Facts of Life, Proposals for Change. In: *Any Way You Cut It*. Lawrence, Kansas: University Press Kansas, 1995. p.213-230.
- PORTELLI, Alessandro. I'm going to say it now: interviewing the movement. In: *The battle of Valle Giulia: Oral History and the art of dialogue*. Madison: University of Wisconsin Press, 1997. p.183-198.
- SINCLAIR, Upton. *The Jungle*. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. V. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- WRIGHT MILLS, Charles. *A nova classe média*. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

